

CAROLINAS E CÍRCULOS DE CULTURA FREIREANOS: NARRATIVAS DE ALUNOS DA EJA NO RIO DE JANEIRO

Débora Amaral da Costa (SME-RJ e UFF)

debora.costa888@gmail.com

Renato Alves de Carvalho Júnior (SME-RJ e UERJ)

renatohistoriauff@gmail.com

RESUMO

Este trabalho objetiva compartilhar a potencialidade das narrativas orais, no contexto da Educação de Jovens e Adultos, como oportunidade de reconstrução de identidades. A partir da leitura da obra “Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus, o projeto “Carolinas” reúne alunos do PEJA em uma roda de conversas, em torno de diferentes temáticas abordadas no livro, em uma atividade inspirada nos círculos de cultura de Paulo Freire. Assim, estimulamos os alunos a produzirem narrativas orais (SARMENTO, 2018), nas quais compartilham experiências semelhantes àquelas relatadas pela autora. Carvalho Júnior (2020) ressalta a importância dos Estudos com Cotidianos e da formação de professores para o aprimoramento de metodologias de investigação antirracistas, enquanto Costa (2018) assume que as narrativas orais são uma ferramenta de reconstrução de identidades, na medida em que o sujeito revisita a própria história, atribuindo-lhe novos significados. Nesse sentido, a presente reflexão fundamenta-se em uma base teórica interdisciplinar, ou mesmo indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), com metodologia de cunho etnográfico e análise qualitativa. Propomos uma valorização das práticas de oralidade no ensino de língua portuguesa, na EJA, por meio da integração entre a literatura e a produção de pequenas narrativas autobiográficas. Os resultados parciais apontam para novas possibilidades de ressignificação identitária e de empoderamento dos estudantes, sobretudo nas questões étnicas e raciais, além da manutenção de vínculos com a escola, diminuindo a evasão e aumentando a frequência escolar.

Palavras-chave:

Identidade. Oralidade. Educação étnico-racial.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo compartir el potencial de las narrativas orales, en el contexto de la Educación de Jóvenes y Adultos, como una oportunidad para reconstruir identidades. A partir de la lectura de la obra “Quarto de espejo”, de Carolina María de Jesús, el proyecto “Carolinas” reúne a los alumnos de PEJA en una ronda de conversaciones, en torno a los diferentes temas tratados en el libro, en una actividad inspirada en los círculos culturales de Paulo Freire. Así, animamos a los alumnos a producir narrativas orales (SARMENTO, 2018), en las que compartan experiencias similares a las relatadas por el autor. Carvalho Júnior (2020) enfatiza la importancia de los estudios con la vida cotidiana y la formación del profesorado para la mejora de las metodologías de investigación antirracistas, mientras que Costa (2018) asume que las narrativas orales son una herramienta para la reconstrucción de identidades, ya que el sujeto revisita la historia misma, dando tiene nuevos significa-

dos. En este sentido, esta reflexión se sustenta en una base teórica interdisciplinar o incluso no disciplinaria (MOITA LOPES, 2006), con una metodología etnográfica y análisis cualitativo. Proponemos una valoración de las prácticas orales en la enseñanza de la lengua portuguesa en EJA, a través de la integración entre la literatura y la producción de breves narrativas autobiográficas. Los resultados parciales apuntan a nuevas posibilidades para redefinir la identidad y empoderar a los estudiantes, especialmente en temas étnicos y raciales, además de mantener los vínculos con la escuela, reducir las tasas de abandono y aumentar la asistencia escolar.

Palabras clave:

Identidad. Oralidad. Educación étnico-racial.

1. Introdução

“Em lugar de professor, com tradições fortemente ‘doadoras’, o Coordenador de Debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupo. Em lugar dos ‘pontos’ e de programas alienados, programação compacta, ‘reduzida’ e ‘codificada’ em unidades de aprendizado.” (FREIRE, 1985)

A epígrafe que escolhemos para abrir esse artigo é um fragmento da obra de Paulo Freire que reflete a prática que procuramos desenvolver na Educação de Jovens e Adultos, em um CIEP na Zona Oeste do Rio de Janeiro. A Roda de Manchetes, evento quinzenal, é um programa que iniciou no segundo semestre do ano de 2021 e que faz um compartilhamento das principais notícias recentes, propiciando aos alunos leituras coletivas e debate, aproximando os conteúdos e habilidades planejados na escola às vivências dos cotidianos.

Partimos dessa citação da obra freireana, pois entendemos que o autor retrata o principal objetivo das nossas ações enquanto servidores municipais lotados na realidade da Educação de Jovens e Adultos, o de viabilizar contextos nos quais os alunos e as alunas tenham a percepção de que suas vozes são coautoras no movimento constante que é *ensinar aprender ensinar* (Cf. ALVES, 2010). Nesse sentido, acreditamos que as narrativas cotidianas, ditas pelos estudantes, aliadas ao trabalho pedagógico desenvolvido pela equipe docente, sejam importantes alavancas de reconstrução de identidades, tendo em vista que possibilitam à aprendizagem um valor individualizado e, ao mesmo tempo, plural. Entendemos que: “A proposta de trabalho político-pedagógico da EJA vislumbra uma educação adequada e contextualizada, que atenda aos interesses e às

necessidades do alunado jovem e adulto, considerando o meio sociocultural no qual se insere” (MOTA, 2015, p. 37).

Renato Carvalho é Diretor Adjunto de um CIEP localizado na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, em uma região com conflitos constantes pelo domínio do poder paralelo às instituições públicas. Débora Costa é Professora Orientadora do PEJA deste CIEP, e sua função é de articulação entre o trabalho pedagógico e as demandas específicas de alunos. Em agosto de 2021, compreendendo a necessidade de se trazer para a escola, de forma mais enfática, temas que envolvem questões étnico-raciais, iniciou-se o “Projeto Carolinas”. Ao trazer a literatura como forte aliada, Carolina Maria de Jesus, em sua obra *Quarto de Despejo*, foi escolhida como o fio condutor de diferentes ações pedagógicas multimodais.

2. *As Carolinas na EJA*

Carolina Maria de Jesus carrega em sua história a marca de ser mulher, negra, mãe solo, além de ter como fonte de renda a atividade de catar papel. Descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, tornou-se uma das escritoras brasileiras mais conhecidas internacionalmente, tendo sido traduzida para mais de 13 idiomas, com versões de suas narrativas no cinema e no teatro. Carolina escrevia para espantar a fome, conforme escreveu em seu livro *Quarto de Despejo*. Escrevia para buscar forças para transpor as batalhas cotidianas típicas de muitas minorias sociais. Nascida no interior de Minas Gerais, morou na favela do Canindé, em São Paulo, local de onde denunciou, através das suas produções literárias, as principais dificuldades experimentadas pela população favelada, no final dos anos de 1950. Violência, fome, miséria, problemas de saneamento básico e acesso à água, dificuldades para se obter comida e tantos outros elementos do cotidiano de Carolina Maria de Jesus enredam as denúncias que tornam as favelas os “quartos de despejo” das grandes cidades até hoje.

Carolina esteve poucos anos nos bancos de uma escola. Apesar disso, revelou-se uma grande escritora de escriturinhas, expressão criada por Dona Conceição Evaristo, importante escritora negra brasileira da atualidade. Conceição Evaristo conta em suas entrevistas que cresceu em um universo de poucos livros, porém rodeada de palavras e histórias, que, por sua vez, embasam as “escriturinhas da afro-brasilidade” (EVARISTO, 2008). De acordo com Evaristo, as narrativas produzidas por

pessoas negras desempenham importante papel nas vidas de quem se identifica com elas. Nas suas palavras:

[...] a memória dos povos afrodescendentes nas Américas situa o sujeito na África e na diáspora, recompondo esses espaços e tempos múltiplos e diversos, devolvendo ao afro-descendente a sua origem pelo reconhecimento de seu passado. (EVARISTO, 2008, p. 5)

Essa afirmação reflete uma parcela expressiva dos estudantes da EJA do CIEP no qual atuamos. Assim, o Projeto Carolinas objetiva a promoção da consciência da diversidade étnico-racial brasileira; estimula multiletramentos, ao apresentar diferentes gêneros discursivos que contemplem a oralidade, a escrita e os gêneros mistos; ressalta o interesse pelas diferentes manifestações artísticas, como música e poesia; traz para a centralidade dos debates as temáticas e os autores frequentemente invisibilizados pela cultura escolar; proporciona a produção oral ou escrita de forma lúdica; alavanca a construção de novas identidades, a partir da identificação com as personagens, gerando empoderamento e protagonismo por parte dos alunos e alunas da EJA.

A metodologia utilizada em nosso projeto se baseia na transdisciplinaridade, através do engajamento entre gêneros discursivos da cultura popular e as disciplinas ofertadas pelo PEJA, em conformidade com duas leis muito importantes, Lei nº 10.639/03 e Lei nº 11.645/08, as quais contemplam o ensino de história e cultura africana, afro-brasileira e indígena, de maneira interdisciplinar, em todos os estabelecimentos de ensino, públicos e privados, de ensino fundamental e médio, e também com a GERER – Gerência de Relações Étnico-Raciais da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

Munanga e Gomes (2010) apontam alguns impactos do racismo nos cotidianos escolares:

Segundo o Ipea, a escolaridade média de um jovem negro com 25 anos de idade gira em torno de 6,1 anos de estudo; um jovem branco da mesma idade tem cerca de 8,4 anos de estudo. O diferencial é de 2,3 anos de estudo. A intensidade dessa discriminação racial, expressa em termos de escolaridade formal dos jovens e adultos brasileiros, é extremamente alta, sobretudo se lembrarmos que se trata de 2,3 anos de diferença em uma sociedade cuja escolaridade média dos adultos gira em torno de 6 anos. (MUNANGA; GOMES, 2010, p. 193)

Desse modo, corroboramos a importância do Projeto Carolinas no contexto da EJA e nossa intenção de

[...] encaminhar o leitor para importantes reflexões sobre o tema, procurando conferir a relação entre etnicidade negra e a cultura imaterial, em

uma transversalidade com temas que compõem as políticas da vida, o cotidiano e as questões relevantes ao debate educacional contemporâneo, tais como: meio ambiente, direitos humanos, globalização, territórios, políticas públicas, diversidade, entre outros temas. (PEREIRA; SANTOS, 2010, p. 147-8)

A organização da EJA na comunidade específica na qual o CIEP está situado aponta a importância da promoção de uma linguística aplicada que vá além de “aplicações” de teorias linguísticas no ensino de alfabetização e de letramentos, mas que reconheça e valorize a educação escolar que se relaciona com os cotidianos da comunidade, por meio da transdisciplinaridade, ou da indisciplinaridade, como observou Moita Lopes (2006).

Os círculos de cultura freireanos, por sua vez, nos fazem refletir sobre a urgência da construção de práticas pedagógicas que propiciem aos estudantes em vulnerabilidade social uma aprendizagem mais adequada às suas especificidades. Dentre elas, destacamos a importância de se compreender, de forma ágil e eficiente, uma diversidade de gêneros discursivos, tanto do universo da comunicação básica, como a compreensão de notícias veiculadas pelos jornais, quanto constituintes de determinadas atividades laborais, para que possam participar de espaços historicamente elitizados. Entre outros aspectos da pedagogia freireana, adotamos como premissa básica o respeito e a valorização aos saberes dos educandos.

Por isso mesmo pensar certo coloca o professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela, saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns saberes em relação ao ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1996, p. 30)

Os círculos de cultura freireanos e o Projeto Carolinas nos trazem questionamentos sobre o papel da linguística aplicada para a constituição de embasamento teórico de uma prática de ensino efetiva, a qual considera os processos de negociação de identidades e as representações sociais de estudantes sobre a temática étnico-racial. Para buscar possíveis respostas, procuramos conhecer os alunos e a sua história, compreender as suas motivações para retornar às salas de aula, e observar processos identitários e de representações sociais evidenciados nas Rodas de conversas, nas quais surgem narrativas orais produzidas pelos estudantes.

Por meio dessas pequenas narrativas, buscamos compreender como os sujeitos se posicionam em relação às suas identidades e quais

representações étnico-raciais estão a elas associadas. Para isso, recorremos à linguística textual (referenciação), aos estudos das implicações e pressuposições e à análise da conversação (hesitações e truncamentos, por exemplo). A partir da transdisciplinaridade, pensamos em estratégias de ensino para a EJA adequadas à promoção de novas construções de identidades e de representações sociais. Nesse sentido, as narrativas orais atuam como alavancas, tendo em vista que dão voz aos sujeitos, para que expressem publicamente as experiências vividas e as projeções de futuro. Acreditamos que esse posicionamento permita à comunidade científica uma compreensão das dinâmicas específicas concernentes às práticas antirracistas que envolvem a escolarização de jovens e adultos em vulnerabilidade social. Dessa forma, o principal resultado esperado é a proposta de um ensino de conteúdos e habilidades adequados às situações específicas da EJA, na cidade do Rio de Janeiro, que busque uma relação entre os objetivos formais de ensino e os aspectos socioculturais envolvidos na prática pedagógica.

O Projeto Carolinas, a partir dos pressupostos teóricos acima apresentados, objetiva a promoção da consciência da diversidade étnica e racial brasileira, além do estímulo a multiletramentos. Acreditamos que essa proposta tem o potencial de ressaltar o interesse pelas diferentes manifestações artísticas, tais quais a música e a literatura, além de trazer para a centralidade dos debates temáticas e autores que favoreçam uma educação antirracista.

3. Projeto Carolinas: somos todas Carolina Maria de Jesus.

Iniciamos oficialmente o Projeto Carolinas em agosto de 2021. Propomos a leitura de um dia do diário de Carolina Maria de Jesus, a cada roda de conversas, e, a partir da temática abordada, reiteramos a atualidade de suas reflexões. Nesse primeiro momento, observamos uma insegurança dos estudantes em relação à leitura em público e ao diálogo com muitos participantes, além do questionamento quanto ao formato de uma aula com todos os alunos da EJA e todos os professores em um formato de roda, com uma proposta horizontal de aprendizagem, na qual o conhecimento é produzido pela troca de saberes, ao invés da escuta de um conteúdo ensinado pelo professor. Nessa ocasião, o Diretor Adjunto propôs reflexões sobre a importância da disposição em roda nas culturas com origens africanas, exemplificando com as rodas de samba, de jongo, de capoeira e dos terreiros.

Ao término do primeiro evento, percebemos que o Projeto seria uma rica oportunidade para muitas trocas e aprendizados para toda a comunidade escolar. Para muitos alunos, as narrativas de Carolina apresentam similaridades com seus cotidianos. A leitura dos trechos de Quarto de Despejo abre espaço para uma conversa impulsionada pelos próprios estudantes, proporcionando um percurso formativo que busca contemplar aspectos materiais e imateriais.

O que vale é o ato, o visível, às vezes o não tão visível assim, em todo caso, sensível, apreciável, essencial à condição humana. Aliás, estamos abordando exatamente a dimensão que dá sentido ao material, tocável, tangível e quantificável, pois é a capacidade de transfigurar, gostar, ter preferências, entre outras manifestações, que o aluno da Educação de Jovens e Adultos (EJA) tenha em sua formação. (PEREIRA; SANTOS, 2015, p. 149)

4. Carolinas e Marias

A segunda roda de conversas do Projeto Carolinas ocorreu quinze dias após a primeira, ainda em agosto de 2021. Iniciamos nossa atividade no refeitório, durante o jantar. Promovemos uma refeição “dançante”, ao som de música popular brasileira. Em seguida, apresentamos uma narrativa do diário de Carolina que falava sobre as dificuldades de acesso à água nas favelas. Os alunos reconheceram os mesmos problemas na comunidade onde moram e levantaram muitas reflexões sobre a péssima qualidade no abastecimento de água em locais de vulnerabilidade social. Esse assunto possibilitou uma abordagem multidisciplinar dos conteúdos e das habilidades definidos para a EJA, pois o tema propiciou uma análise histórica da formação das primeiras sociedades hidráulicas, além de reflexões sobre o meio ambiente e sobre desenvolvimento sustentável. Nesse sentido, entendemos que

[...] a sala de aula da Educação de Jovens e Adultos precisa estimular projetos que contemplem uma nova mentalidade ecológica, ao mesmo tempo buscando um diálogo transversal entre natureza, cultura, técnica e economia, onde não haja mais espaço para práticas culturais sem consciência socioambiental. (PEREIRA; SANTOS, 2015, p. 156-7)

A Roda de Manchetes trouxe as capas de jornal que tratavam da crise hídrica da cidade do Rio de Janeiro, com a falta d'água em diferentes regiões do estado e a poluição das águas do Rio Guandu, bem como com os episódios de contaminação de geosmina, amplamente veiculados nas mídias sociais. Por sua vez, Carolina nos apresenta a dificuldade de buscar água na casa de alvenaria, da falta de água encanada em muitas

casas da favela, da insalubridade da água obtida e das conversas dos vizinhos na fila da bica, antes do dia clarear. Todos esses contextos são facilmente reconhecidos pela maioria dos alunos, os quais residem em comunidades da região.

5. *Carolinas e suas manifestações políticas*

Na terceira Roda de Manchetes, pela proximidade com o feriado da Independência, selecionamos manchetes de jornais que trouxessem manifestações políticas sobre o atual governo, bem como a pauta mais amplamente trazida pelos noticiários da semana: a votação do Marco Temporal. Carolina, ao longo do seu diário, fez diversas críticas sobre o governo da época e teceu muitas reflexões sobre o político ideal. Para a escritora, só deveria governar o país alguém que já tivesse passado fome, o que demonstra um ideal de política que contemple as minorias sociais e que trabalhe para a diminuição da desigualdade socioeconômica do Brasil. Essa postura de Carolina nos permitiu construir muitas reflexões acerca de pautas importantes da atualidade, do ponto de vista da cidadania e do papel político dos governantes e do povo.

Pela proximidade com o dia 7 de setembro, o nosso encontro ocorreu em uma semana na qual houve diversas manifestações favoráveis e contrárias ao atual governo. Nesse contexto, tratamos da importância de algumas datas para o processo histórico de uma nação e dos usos e construções historiográficas produzidos em torno dessas comemorações. Com esse construto em mente, lemos manchetes de diferentes canais de comunicação, a fim de iniciar um debate sobre os eventos daquela semana.

Além disso, apresentamos manchetes acerca do marco temporal que seria votado no dia seguinte pelo Supremo Tribunal Federal (STF). Finalizamos a roda com debates sobre a importância dos povos autóctones e do papel da Carta Magna para a preservação dos direitos dos indígenas. Elucidamos a função dos três poderes em nosso sistema democrático e a importância do voto.

6. *Amarelo: a fome de Carolina e o elo de fraternidade*

Na quarta edição da nossa Roda de Manchetes, Carolina Maria de Jesus e o *rapper* Emicida, através da música “Principia”, trouxeram uma

reflexão sobre a fraternidade e a solidariedade da favela. O refrão “Tudo, tudo, tudo que nós têm é nós” estimulou nossos alunos a produzirem uma série de narrativas orais sobre situações nas quais puderam ajudar ou receberam ajuda em sua comunidade. A especificidade da linguagem encontrada no rap, como suas rimas, suas figuras de linguagem, e suas gírias, foi analisada pelo grupo de um modo peculiar, caracterizado como um “tiroteio de palavras”, como nos sugeriu a professora Orientadora Débora Costa.

Tal metáfora nos faz lembrar de Robert Slenes (2007), ao afirmar que uma das origens possíveis da palavra “jongo”, cuja etimologia remonta ao complexo cultural banto, seria “a bala da boca”, fazendo referência aos pontos contados pelos mestres jongueiros. O Diretor Adjunto Renato Carvalho compartilhou outras semelhanças encontradas nas mais variadas expressões culturais da diáspora. O rap, o jongo, o samba de partido alto e o repente propõem um desafio entre os versadores como o principal elemento de suas manifestações. A poesia de Emicida apresenta de forma riquíssima sobre a solidariedade como um elo nos cotidianos da comunidade. Sua música valoriza os sujeitos que, apesar de viverem constantes privações, estão sempre atentos às necessidades dos outros.

Nesse sentido,

[...] o rap aparece como um gênero musical que articula a tradição ancestral africana com a moderna tecnologia, produzindo um discurso de denúncia da injustiça e da opressão social, racial e policial, a partir do seu enraizamento junto a grupos negros urbanos. Os rappers se veem como porta-vozes da periferia, assumindo a dimensão da denúncia em suas letras e formas de expressão. (MUNANGA; GOMES, 2010, p. 166)

7. O PEJA vai ao teatro

O grupo de teatro Evo é produziu uma peça intitulada “Quarto de Despejo” e, com a parceria do SESC, fez apresentações algumas apresentações *on-line*. Em 23 de setembro de 2021, o CIEP conseguiu uma inscrição para assistir, ao vivo, esse belíssimo espetáculo. Essa experiência foi muito significativa, posto que o teatro é inacessível para a maioria dos alunos do CIEP, inclusive na EJA. Quando a apresentação terminou, o grupo Evo é cumprimentou a escola e abriu espaço para uma conversa descontraída com os alunos e demais telespectadores. Essa noite foi lembrada pelos estudantes, em muitos relatos, seja pelas emoções da semelhança com a realidade da favela, seja pelas músicas cantadas pelos ato-

res, seja pelas expressões dos artistas. Dessa forma, o encontro com a literatura de Carolina Maria de Jesus ampliou as possibilidades de reconstruções identitárias por meio da multissemiose e da multimodalidade dos gêneros discursivos.

Figura 1: Arce Correia, do Grupo de Teatro Evoé, interagindo em tempo real com o PEJA do CIEP.



8. *Carolina visita as aulas de Artes e de Inglês*

A música é uma linguagem frequente nas atividades do Carolinas, pelo seu potencial de despertar emoções e sentimentos. Com essa ideia em mente, selecionamos uma canção de India Arie, cantora norte-americana, produtora musical e compositora. “I am light” apresenta uma letra que nos pareceu oferecer um grande potencial para favorecer processos de reconstruções identitárias a partir das afirmações “eu sou”/ “eu não sou”. Para Costa (2018, p. 84), “as identidades são um mosaico de símbolos que os indivíduos associam a si, a fim de marcar uma posição de semelhança em relação aos membros de seu grupo e de diferença em relação aos demais.

Trata-se, portanto, de um fenômeno relacional”. Dessa maneira, a música “I am light” traz em suas palavras a oportunidade de autopercepção pela constatação daquilo que o sujeito não é, ou seja, por meio das diferenças.

“I am not the colour of my eyes/I am not the skin on the outside/I am not my age”¹ são afirmações que dialogam bastante com os desabafos de Carolina Maria de Jesus, em seu diário, quando tratada aparência como critério de definição dos sujeitos. Em outros versos, a canção diz que “I am not the things my family did/I am not the voices in my head/I am not the

¹ Tradução nossa: “Eu não sou a cor dos meus olhos/ Eu não sou a pele do lado de fora/ Eu não sou a minha idade”.

pieces of the brokenness inside²”, trazendo, assim, asserções muito preciosas para potencializar ressignificações de algumas experiências vividas pelos nossos alunos.

A oficina de Artes e Inglês foi ofertada para os alunos e alunas do PEJA II, pois no PEJA I não há essas disciplinas. Os estudantes ouviram a música falaram sobre os efeitos de sentido da melodia associada às palavras que puderam entender. A partir disso, lemos os versos dramaticamente, com gestos e expressões faciais enquanto estratégia não verbal e, adicionalmente, foram trabalhados os significados das palavras-chave. Com essa abordagem, foi aberto um debate para que os discentes apresentassem relações entre a temática da letra da música e aquela do livro Quarto de Despejo. Em seguida, os alunos e alunas construíram narrativas orais com relatos de vida, citando o verso da música que consideraram mais expressivo para expressar suas memórias e emoções. Esses versos foram representados em expressão artística pelos alunos, com o auxílio da professora de Artes.

9. Reflexões finais

Com esse artigo, procuramos compartilhar brevemente as experiências vividas por alunos e professores da EJA em um CIEP, na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Nessas práticas pedagógicas, nosso *ensinar aprender ensinar* parte do pressuposto que as habilidades e os conteúdos a serem aprendidos por nossos alunos devem ser significativo para as suas vidas e devem contemplar as suas vivências.

Entendemos que as identidades são constantemente construídas, por meio da alteridade, da diferença e das representações sociais que assumimos sobre nós e sobre os outros. Desse modo, esperamos que o Projeto Carolinas, ao ressaltar questões étnico-raciais e socioeconômicas representativas para os sujeitos que moram em comunidades, possa apresentar uma literatura que reflita identificações entre os alunos e a obra. Desejamos que o Projeto Carolinas seja uma ferramenta que permita dar voz aos os educandos, a fim de que produzam suas próprias narrativas enquanto lugar de resistência e que reproduzam as próprias histórias como ponto de partida para novos caminhos, ao invés de resultado de determinismos sócio-históricos e culturais.

² Tradução nossa: “Eu não sou as coisas que a minha família fez/ Eu não sou as vozes na minha cabeça/ Eu não sou os pedaços quebrados dentro de mim.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Nilda. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1195-212, out./dez., 2010.

ARRAES, Jarid. *Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis*. São Paulo: Pólen, 2017.

CARVALHO JUNIOR, Renato Alves de. *SÚFELÊBÍ: sopros cotidianos e infância no terreiro*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. 155f.

COSTA, Débora Amaral. *Negociação de identidades e formação de novas representações sociais em narrativas de migração: uma proposta metodológica*. Débora Amaral da Costa; Telma Cristina de Almeida Silva Pereira, orientadora; Konstanze Jungbluth, coorientadora. Niterói, 2018. 280 f.

_____. *Identities of Migration: A Narrative-based Approach to the Studies of Social Representation*. Berlin: Peter Lang, 2020.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória*. *Releitura*, Belo Horizonte, Fundação Municipal de Cultura, n° 23, novembro de 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Educação com prática da liberdade*. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

MOTA, Solange Freitas da. O ato de ler na Educação de Jovens e Adultos. In: SILVA, J.L. da, PEREIRA, P.C. *Educação de Jovens e Adultos reflexões a partir da prática*. Rio de Janeiro: Wak, 2015.

MUNANGA, Kabengele, GOMES, Nilma Lino. *O negro no Brasil de hoje*. São Paulo: Global, 2006. (Coleção Para Entender)

PEREIRA, Pedro Carlos, SANTOS, Rafael dos. Territorialidade, negritude e cultura imaterial no Brasil: possibilidades de abordagem. In: SILVA, J.L. da, PEREIRA, P.C. *Educação de Jovens e Adultos reflexões a partir da prática*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

SLENES, Robert W. “Eu venho de longe, eu venho cavando”: jongueiros cumba na senzala centro-africana. In: LARA, S.H.; PACHECO, G. *Memória do jongo: as gravações históricas de Stanley J. Stein*. Vassouras, 1949. Rio de Janeiro: Folha Seca; Campinas-SP: CECULT, 2007. p. 109-56